

'Decidi amar pela adoção': 76 crianças foram adotadas neste ano na região

'Decidi amar pela adoção': 76 crianças foram adotadas neste ano na região

Maioria dos menores de idade que conseguiu um lar tem menos de 8 anos; na fila de espera, existem 11 famílias habilitadas

BEATRIZ MIRELLE
beatrizmirelle@tgabc.com.br

O Grande ABC registrou 76 adoções de crianças e adolescentes entre janeiro e outubro deste ano, sendo que a maioria desses filhos tem menos de 8 anos. Ao todo, ainda são 571 menores de idade nas 18 casas de acolhimento do Grande ABC, mas apenas 55 deles estão aptos para serem adotados. Diferentemente do perfil de crianças que ganharam um novo lar, boa parte dos habilitados que estão à espera é de adolescente com mais de 12 anos.

Já entre aqueles tutores que desejam aumentar a família, a região possui 604 pretendentes disponíveis. Assim, a cada criança que está com o poder familiar destituído para ser colocada em adoção, existem 11 famílias que ainda estão na fila de espera para finalizar esse processo. Os dados foram fornecidos pelo TJ-SP (Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo) a pedido do Diário.

"O processo de adoção é lento porque junto com ele pode ocorrer a destituição do poder familiar simultaneamente. Também demora porque, antes de colocar a criança ou adolescente em adoção, a Justiça sempre esgota as possibilidades de retorno dele à família biológica, seja aos pais quanto aos tios e avós. Só depois que abre para adoção", explica Maria Inês Villalva, fundadora e coordenadora técnica do GAA (Grupo de Apoio à Adoção de Crianças e Adolescentes) Laços de Ternura, projeto da Fespa (Federação das Entidades Assistenciais de Santo André).

A funcionária pública



PODER DO AFETO. Marcela e Tiago percebem continuamente a evolução do filho Pedro, 17, na casa da família, os quadros do menino enfeitam as paredes

Marcela Nóbrega Lira, 32, e o professor Tiago Nóbrega Lira, 38, moradores do Centro de Santo André, conheceram o filho quando o garoto tinha 13 anos e concluíram a adoção durante a pandemia. Hoje, Marcela se surpreende com a evolução do filho Pedro Nóbrega Lira, que está com 17 anos. Artista nato, a casa da família é repleta de quadros desenhados e pintados pelo garoto.

"Eu decidi amar pela adoção. Desde o início da minha fase adulta, sabia que teria filhos dessa forma. Toda a convivência é muito intensa. Quando o Pedro chegou em casa, ele não sabia ler, escrever, tinha muitas dificuldades no dia a dia. Agora, vai para a escola sozinho, pega ônibus, coisas básicas que são importantes. Hoje, ele tem referência. É incomparável o desenvolvi-

CENÁRIO DA ADOÇÃO NO GRANDE ABC

	Crianças e adolescentes que podem ser adotados	Número atual de acolhidos	Famílias habilitadas à adoção (em outubro)	Adoções finalizadas entre janeiro a outubro
Santo André	22	153	161	30
São Bernardo	8	167	213	13
São Caetano	4	5	50	10
Diadema	2	120	95	4
Mauá	11	92	68	10
Ribeirão Pires	6	27	13	7
Rio Grande da Serra	2	7	4	2
GRANDE ABC	55	571	604	76

Fonte: TJ-SP (Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo)

Apresentado: Sistema de Busca

mento que a criança tem quando é inserida no seu meio familiar", relata Marcela, integrante do GAA Laços de Ternura de Santo André.

Ela conta que o processo de aproximação começa com visitas ao abrigo. Depois, a criança passa os finais de semana na futura casa e, por fim, se muda definitivamente. Neste ano, Marcela e Tiago entraram novamente na fila para adotarem o segundo filho.

"Quando a família aceita meninos acima de 12 anos, com irmãos, facilita muito. Entregamos no início do ano a documentação para

nos habilitarmos para a nossa segunda adoção e, em outubro, já começamos a aproximação. Dessa vez, é um menino de 13 anos que está no abrigo há oito. A gente percebe que quanto mais tempo eles permanecem na casa de acolhimento, ficam mais desesperançosos de

que vão conseguir a adoção, mas o Lucas ainda está disposto a fazer parte da nossa família", diz.

Para Marcela, um dos maiores ensinamentos que adquiriu durante o processo de adoção é sobre a importância do convívio familiar para construção do indivíduo. "Hoje, a gente entende que só a família pode mudar a vida de alguém. Uma família estável, tranquila permite que a pessoa afluente suas habilidades, conhecimentos e capacidades. Precisamos de afeto para desenvolver tudo e, antes de ser mãe, eu não tinha noção de como isso faz diferença na vida de uma pessoa."

O casal Ednilson Alves Deo, 53, e Patrícia Koren Deo, 47, moradores do Jardim Ana Maria, em Santo André, iniciaram o processo de adoção com o critério de que as crianças tivessem até 5 anos. "Fizemos uma inseminação artificial sem sucesso e a ideia de adoção surgiu da minha esposa. A princípio nosso perfil era de 5 anos, mas revemos a idade. Adotamos duas irmãs. Na época, em 2018, elas tinham 10 e 12 anos. Agora, têm 15 e 17."

De acordo com ele, a adaptação das filhas Suelen e Simony não foi tão complicada, ainda mais depois que elas "entenderam que não seriam devolvidas (ao abrigo) e que agora nós seríamos seus pais". Ednilson Deo relata que a chegada das meninas o ensinou a dar mais valor às pequenas atividades da rotina. "Gosto muito de sair com elas e conversar sobre ciência, religião e fenômenos que ocorrem no mundo e na sociedade. Para mim, a maior qualidade delas é a compressão que tem da vida."

Espera é menor para alguns perfis

Em um contexto que os pretendentes aguardam majoritariamente por crianças mais novas, como mostra o índice da região (veja na arte acima), em que a maioria dos adotados tem até 8 anos, os adolescentes podem ficar em segundo plano. De acordo com Maria Inês Villalva, fundadora e coordenadora técnica do GAA (Grupo de Apoio à Adoção de Crianças e Adolescentes) Laços de Ternura, existem perfis que ainda têm fila de espera menor.

"Antigamente o perfil do filho adotivo era bebê, branco e menina. De uns anos para cá, os brasileiros estão aceitando crianças com outras características. Temos resultados positivos na adoção de menores de idade com deficiência ou com grupos de irmãos. Antes, havia uma rigidez em relação a isso e muitos

crianças envelheciam nos abrigos ou iam para adoção internacional. Já tivemos tempos em que não víamos a menor possibilidade de uma criança de 12 anos ser adotada. Hoje, conseguimos vislumbrar isso. Existe um movimento grande de divulgação de outros perfis que não têm fila e, consequentemente, a adoção é mais rápida."

No Brasil, crianças e adolescentes pretos eram apenas 6% dos 759 encaminhados para adoção em 2019, segundo estatísticas do CNJ (Conselho Nacional de Justiça). Agora, em 2023, o número aumentou um pouco e eles representam 13,2% dos 698 menores de idade nesse processo. Além dos desafios que ainda existem para serem escolhidos entre as famílias habilitadas, essas crianças encontram outras barreiras causadas por preconceitos

quando entram para o convívio familiar.

Para a família Nóbrega Lira, composta por Marcela, 32, Tiago, 38, e Pedro, 17, a consciência racial e a união são essenciais para enfrentar esses problemas. "A sociedade ainda discrimina muito. Percebemos preconceitos em relação à adoção por parte de alguns familiares e amigos, que questionavam se eu não poderia engravidar. Também tiveram várias perguntas sobre a idade, já que o Pedro tinha 13 anos quando nós o conhecemos, mas a questão racial é a que pega bastante. Sentimos na pele, percebemos os olhares nas ruas, nos shoppings, em restaurantes. Fico muito feliz de poder dizer ao Pedro que ele tem pai e tem mãe. Com o meu filho, ninguém mexe e estamos aqui por ele." BM

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades Pagina: 1